



UMA VIDA EM PALAVRAS: narrativas, narradores e a memória do missionário e médico George William Butler

Rogério de Carvalho Veras¹

Introdução: o início da monumentalização

Natural de Roswell, estado da Geórgia, no sul dos Estados Unidos, George Butler tinha por volta de 30 anos quando foi enviado, em 1883, para Pernambuco, pelo órgão missionário da Igreja Presbiteriana do Sul, a Junta de Nashville. Para os membros da Junta, “sua dupla capacidade de professor e médico” seria uma importante aquisição para aquela missão iniciada no Norte do Brasil em 1873².

Butler viveu 36 anos no Brasil, de 1883-1919, anos movimentados da transição republicana e secularizadora. Estabeleceu-se em dois estados no Norte³ do país, Maranhão (1885-1892) e, por mais de 25 anos, em Pernambuco (1893-1919), dos quais a maior parte entre as cidades de Garanhuns e Canhotinho. Por onde passou construiu igrejas, organizou escolas, e em Canhotinho edificou e comandou um hospital. Apenas um mês após sua morte, o jornal presbiteriano “Norte Evangélico” dirigido pelo missionário W. M. Thompson, companheiro de Butler no Maranhão, fez o primeiro ato de monumentalização: publicou-se um número exclusivo à memória de George Butler. Nele, lemos: “Talvez nunca tenha havido no norte do Brasil homem tão amado e ao mesmo tempo tão odiado como George W. Butler”⁴, escreveu Calvin Porter, outro contemporâneo, companheiro de missão no norte do país.

¹ Doutorando do programa de pós-graduação em História da Unesp/Assis. MEMENTO: Grupo de Pesquisa Memórias, Trajetórias e Biografias. Bolsista CAPES. Sob Orientação do Dr. Wilton Carlos Lima da Silva.

² The Missionary, março, 1883. Antes do Dr. Butler, enviaram-se três missionários presbiterianos sendo que um, tendo passado apenas 4 meses no Brasil, morreu repentinamente em 1880, três anos antes da sua chegada.

³ O zoneamento geográfico que criou a atual “Região Nordeste” só foi estabelecido em 1969, antes disso, a região era considerada o “Norte” do país.

⁴ Norte Evangélico, 25 de junho de 1919



A primeira consagração historiográfica de George Butler foi feita pelo pastor-historiador, membro de vários Institutos Históricos e Geográficos, Vicente Themudo Lessa (1874-1939). Na obra *Annaes da 1ª Igreja Presbyteriana de São Paulo 1863-1903*, de 1938, Lessa dedica-lhe um capítulo e em uma das passagens escreve:

Foi o Rev. Dr. G. W. Butler, médico e missionário, pregador cheio de unção e de abnegação, verdadeiro homem de Deus (...). Com ele fiz minha profissão de fé. Foi quem despertou em mim a vocação ministerial e me fez vir para o Seminário de Friburgo (...). Tenho o seu nome gravado nas tábuas do coração (LESSA, 2010, p. 191)

Vê-se que motivos auto-biográficos e afetivos levam Lessa a não esquecer George Butler. Não é sem razão que quase 20 anos depois daquela homenagem *post-mortem* do Norte Evangélico, o historiador consagra o epíteto que passou a ser repetido pelos biógrafos posteriores: o “médico amado”. Porém, como bem lembrou Calvin Porter, amor e ódio, caminharam juntos com o “médico-missionário” em sua trajetória: de São Luís a Recife, passando aos sertões do norte, lugares de suas peregrinações evangelísticas e médicas. Uma vida entre-meios: necessário/amado como médico, rejeitado/odiado como missionário protestante; uma identidade ambígua, uma recepção ambígua. Embora essas características tenham sido, desde cedo, percebidas nesse personagem, elas não esgotam sua trajetória, muito menos apreendem sua individualidade.

Diante do desafio que outros narradores enfrentaram de “escrever uma vida”, reconheço a necessidade primeira de explicitar as razões subjetivas desta escolha: George Butler chega ao Brasil como um religioso leigo. Talvez, por isso, ações concretas e ousadas foram seus principais recursos para forçar os limites da secularização nas sociedades em que viveu. Reconheço, como um religioso leigo, identificar-me com o biografado pela importância que práticas concretas e ousadas assumiram na sua trajetória, sobrepondo-se mesmo ao polemismo doutrinário típico dos demais missionários. Admitir que a relação biógrafo e biografado se faz num jogo de espelhos, parece-me implicada numa necessária postura de vigilância epistemológica a fim de que o desejo do biógrafo não se aproprie da vida efetiva do biografado, impondo suas próprias ilusões.



É imbuído desse exercício de auto-análise e da necessidade de auto-coerção da reciprocidade que proponho para esta comunicação, uma análise inicial das narrativas biográficas sobre George Butler, especialmente as obras de David Gueiros Vieira, *A Historical Study of the missionary work of Dr. George W. Butler and an analysis of his influence on Brazil* de 1960 e de Edijéce Martins Ferreira, *A Bíblia e o Bisturi* de 1976. Esta última reconhecida como a biografia oficial de George Butler. Meu objetivo é tomá-las para interpretar as lógicas das representações sociais⁵ dessa memória e dos esquecimentos que lhe são inerentes.

01- O herói civilizador

Depois de doze anos de pesquisas em arquivos, entrevistas pessoais e por cartas com pessoas próximas de George Butler, David Gueiros Vieira defende em 1960 sua dissertação *A Historical Study of the missionary work of Dr. George W. Butler and an analysis of his influence on Brazil*, na Universidade de Richmond. Este trabalho só veio a ser conhecido no Brasil em 2014, através de sua divulgação pela internet. Entre os “influenciados” pelo trabalho de Butler, estava a família Gueiros que, no final do XIX, passava pela decadência econômica em razão da abolição, apesar de ainda possuir membros influentes na região de Garanhuns. Em breve tempo, já na primeira metade do século XX, os Gueiros tornaram-se um poderoso clã nordestino, formado por juristas, políticos e intelectuais, cuja influência atingiu as esferas da administração federal. (VIEIRA, 2008, p. 115-125)

Coube a um de seus jovens acadêmicos, com cerca de 30 anos, em 1960, o mestrando de história David Gueiros Vieira, elevar esse pioneiro do protestantismo no Norte a um novo patamar de importância: o de grande influenciador, direta ou indiretamente, de homens que se tornaram líderes religiosos, intelectuais de renome nacional e políticos importantes, dentre os quais o próprio ex-Presidente da República, Café Filho (1954-1955). O ex-presidente era de família protestante, foi estudante numa escola

⁵ Uma inspiração desse texto é Chartier (1990, p. 17): As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundando na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.



presbiteriana em Natal-RN, tornando-se amigo da família do seu professor Jerônimo Gueiros, um dos “filhos na fé”⁶ de Butler.

Ao correr os olhos pela galeria dos onze notáveis influenciados por George Butler citados por David Gueiros, ao final de sua dissertação, vemos cinco membros da família Gueiros. Seria, então, essa biografia apenas uma forma indireta de auto-glorificação familiar? Certamente, mas não apenas. Acredito que propósitos mais amplos também moldaram sua narrativa. Fundamentalmente, a obra de David Gueiros nos permite trabalhar a hipótese de que a biografia de George Butler foi o primeiro projeto biográfico-institucional de uma história elitista da Igreja Presbiteriana do Brasil (doravante referida como IPB), visando representá-la enquanto uma igreja de uma minoria dirigente.

Desde 1949 iniciaram-se os esforços, no seio da IPB, pelas comemorações do seu centenário no Brasil. Além da investigação histórica a ser realizada durante uma década por uma comissão, houve uma intensa campanha pela expansão da igreja. No início de 1953, O presidente do Supremo Concílio (órgão máximo da hierarquia presbiteriana), presta um relatório de viagens no qual,

encaminha uma biografia do Rev. George Wm. Butler, elaborada pelo irmão David Gueiros Vieira, resolveu-se aceitar com profundo agradecimento a oferta do Sr. David e encarregar a CEP [Casa Editora Presbiteriana] de publicá-la, solicitando-se auxílio financeiro à North Brazil Mission [Órgão da Igreja Presbiteriana do Sul para auxiliar as missões no norte do Brasil] para esse fim.⁷

David Gueiros afirma na sua dissertação que já 1947 escreveu um artigo sobre Butler, sendo traduzido e publicado nos Estados Unidos em 1952. Nesses primeiros escritos certamente David contou com a memória do seu pai, avô e tios-avôs que conviveram com Butler, já que ainda não tinha iniciado suas pesquisas nos arquivos dos Estados Unidos. Essa biografia, portanto, surge no âmbito de uma memória familiar buscando incorporar-se à memória institucional, legitimando um *status social* diferenciado da família.

⁶ Expressão utilizada por Butler em um de seus relatórios para se referi ao jovem Jerônimo Gueiros (VIEIRA, 2008, p. 137)

⁷ Digesto Presbiteriano, 1951-1960, 53-002



Quando em 1953, David Gueiros oferece seu trabalho para ser publicado pela editora da IPB, era ciente e talvez compartilhava do espírito ufanista que tomou conta da Campanha do Centenário (1949-1959), na qual uma “referência insistentemente citada era ‘A IPB é a igreja da elite’”. Este é o testemunho de João Dias de Araújo, um ex-pastor e professor do Seminário Presbiteriano do Norte, em Recife, nos anos 1960. Segundo ele, “havia uma convicção de que os presbiterianos faziam parte da elite dominante no Brasil. Não era mais a igreja do povo, mas a igreja dos que mandavam no povo...” (ARAÚJO, 1982, p. 129)

Essa auto-imagem dos presbiterianos era muito bem exemplificada pela família Gueiros. Nos anos 1950, ela já havia se transformado num dos poderosos clãs do Norte/Nordeste, tendo entre seus membros juristas, intelectuais, deputados federais, governadores e senadores de estados como Roraima, Pará, Rio Grande do Norte e Pernambuco⁸. É compreensível que para a memória familiar a explicação de sua ascensão social se devesse a uma ruptura em suas trajetórias: a conversão ao protestantismo e a superioridade da educação (formal e moral) que os antepassados (Jerônimo Gueiros, Antônio Gueiros e etc.), receberam dos missionários protestantes americanos, tendo o Dr. George Butler como o grande “inspirador de carreiras”. (VIEIRA, 2008, p. 127-139)

Nesse contexto, para a hierarquia presbiteriana, a “oferta” do “irmão David” surgia com uma dupla vantagem: 1) era de acordo com os esforços institucionais da IPB para elaboração de um histórico contemplando diferentes regiões do país, nesse caso, com a narrativa sobre a vida de um dos pioneiros do Norte e 2) ninguém melhor que um Gueiros para historiar sobre a importância social do protestantismo no Brasil, ainda mais na região considerada a mais econômica e culturalmente atrasada; assim o trabalho de

⁸ Como exemplo, citamos Antonio Texeira Gueiros, deputado federal pelo Pará entre 1954-1959, seu filho Hélio Gueiros chegou ao cargo de senador (1983-1987) e governador (1987-1991) do mesmo estado. E de Nehemias Gueiros que em outubro de 1965 foi um dos redatores do AI-5. Fonte: http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx?id=busca_rapida;



George Butler nesta região seria útil como símbolo maior do impacto civilizacional do protestantismo.

O interesse da alta hierarquia presbiteriana na biografia de Butler foi tanta que no ano seguinte, 1954, tratou-se novamente do assunto, dessa vez delegando a tarefa a um pastor e sua esposa, ambos convertidos por Butler e que foram seus auxiliares em Canhotinho-PE:

Considerando que o Dr. George Butler figura entre os grandes pioneiros do presbiterianismo no Norte do Brasil, inclusive da obra de educação teológica; e que sua biografia constituirá elemento precioso para a edificação da igreja; o SC [Supremo Concílio] resolve nomear o Rev. Cícero Siqueira e Dna. Cecília Siqueira para que escrevam a biografia do referido servo de Deus, de modo que a obra entre em circulação até a data do Centenário... (Digesto Presbiteriano, 1951-1960, SC-54-161)

Quanto a biografia feita por David Gueiros, numa nova decisão, em 1955, a Comissão Executiva da IPB “concede permissão” a North Brazil Mission (braço da Junta de Nashville no Brasil) para publicar “para as igrejas americanas”, como “biografia missionária...considerando que o SC já incumbiu o Rev. Cícero Siqueira e Dna. Cecília Siqueira de prepararem uma biografia do Dr. Butler, que deverá estar em circulação na Igreja Nacional até a data do Centenário”⁹. No entanto, apesar da urgência, do propósito de divulgá-la nacionalmente e até do interesse da organização missionária americana, ambas publicações não ocorreram.

Até onde sabemos, obra do casal Siqueira não foi concluída¹⁰. Por sua vez, a dissertação de David Gueiros, possivelmente, sofreu as consequências do conflito ideológico-eclesiástico entre parte da família Gueiros e a IPB, a partir de 1954. O que explica a mudança, em 1955, incumbindo o casal Siqueira da biografia de Butler a ser publicada no Brasil. Além de talvez ter inviabilizado a publicação da dissertação de David Gueiros também nos Estados Unidos.

Em meados da década de 1950, David Gueiros estava no Estados Unidos realizando sua pesquisa de mestrado, quando, Israel Furtado Gueiros inicia um movimento crescente de choque com a direção da IPB, acusando-a

⁹ Digesto Presbiteriano, 1951-1960, CE 55-103

¹⁰ Em 1976, Edijéce Martins, considerado o biógrafo oficial de Butler, não faz nenhuma menção à provável obra realizada pelo casal Siqueira



de “modernismo”. Seu foco era atacar o que considerava a penetração do “ecumenismo” e sua parcimônia frente ao crescimento de setores “comunistas” na denominação, conclamando as Igrejas do Norte/Nordeste para saírem da IPB. O clímax desse conflito é atingido em 1956, desdobrando-se num cisma e fundação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista, tendo na liderança Israel Gueiros. Acredito que gravidade da crise contribuiu para relegar o trabalho de David Gueiros ao ostracismo das bibliotecas americanas. Para a Junta de Nashville tornou-se conveniente abandonar a publicação para não causar maiores estremecimentos na relação com a IPB, passados apenas quatro anos após a divisão.

Deixando de lado esse relativo esquecimento que a política eclesiástica impôs a obra, objetivamos analisar as expectativas e representações às quais David Gueiros propôs-se atender e ecoar. Primeiro, vale destacar que David Gueiros se mostra atento a um debate interno às instituições eclesiásticas americanas: sobre a validade de se investir em missões na América Latina, diante do pequeno crescimento do protestantismo e conseqüente escasso desenvolvimento técnico-econômico que se acreditava ser promovido pela difusão do protestantismo de origem anglo-saxã¹¹. Assim, David adota como objetivo de fundo justificar nos EUA e no Brasil, os “cem anos” de missão protestante, não por seu sucesso quantitativo ou econômico, mas sim por seus efeitos na moralidade da sociedade brasileira, principalmente para a educação daqueles que se tornaram futuros líderes políticos.

Comentando sobre o caso do presidente Café Filho, David Gueiros, escreve:

Ele era um dos muitos membros da segunda geração de brasileiros convertidos que através da tradição educacional protestante tem ascendido sobre os 90% das camadas restantes da sociedade (educacionalmente, se nem sempre economicamente), embora a primeira geração tenha sido largamente recrutada entre as mais pobres e menos educadas classes sociais. (VIEIRA, 1960, p. 1)

E mais adiante: “Quando alguém estuda o protestantismo brasileiro confrontando-o com o contexto no qual ele se desenvolveu, torna-se evidente

¹¹ Apenas 4,6% da população, em 1960, incluindo-se protestantes históricos e pentecostais. Embora tenhamos um crescimento por década considerável: 62% na década de 1940 e 76,7% na década seguinte, esse crescimento se deveu mais ao crescimento do pentecostalismo entre 1930 a 1964; já o crescimento dos históricos beirou o vegetativo. (CAMPOS, 2007)



que a minoria protestante se diferencia das massas em dois campos: 1) no campo educacional e 2) no intangível campo da moral e ética.” (VIEIRA, 1960, p. 2).

Uma minoria educacionalmente superior segundo David Gueiros, somente agora, na sua segunda geração, chegava aos postos de poder—como acontecera com sua família—, a fim de transformar as condições morais e materiais de atraso do país. Nesse sentido, a biografia do missionário George Butler foi construída a partir da ideia de influência do seu trabalho. As chaves interpretativas aqui são as palavras “influência” e “trabalho”, como se estivéssemos diante de um herói civilizador, cujo exemplo ético de seus feitos, na origem, se propagassem em ondas, no tempo histórico, não só sobre os indivíduos que tiveram contato com ele, mas também sobre seus descendentes, tornando-os “grandes homens públicos”. (VIEIRA, 1960, p.9)

A estes sentidos mais explícitos no texto de David Gueiros, outros menos evidentes se revelam quando confrontamos a obra com o debate ideológico-eclésiástico da década de 1950. Nesse contexto, jovens seminaristas (influenciados por uma nova teologia europeia mais crítica à negligência da igreja com relação à política e aos problemas sociais) e jovens protestantes que começavam a entrar nas universidades, passaram a fazer críticas ao vínculo histórico do protestantismo com imperialismo norte-americano, criticando sua ênfase na moralidade da conduta e na salvação individual.

O tema da “ação social” entra no debate público dos presbiterianos desde 1946 através dos Congressos de Mocidade. Dois desses congressos aconteceram no Nordeste, em Recife (1950) e Salvador (1956). Esse movimento auto-crítico e “progressista” dos jovens presbiterianos não ficou sem uma resposta “conservadora” e aqui também o Nordeste foi o centro de uma reação. O principal desses líderes nordestinos foi Israel Furtado Gueiros, pastor da histórica Primeira Igreja Presbiteriana de Recife. A partir de 1954, Israel Gueiros, aproximou-se do movimento fundamentalista e exigiu da IPB uma posição entre o CIIC (Conselho Internacional de Igrejas Cristãs, fundado pelo líder fundamentalista americano Carl McIntire) e o Conselho



Mundial de Igrejas (considerado, pelos fundamentalistas, como ecumênico e constituído por comunistas). Como a IPB decidiu-se pela “equidistância” entre os movimentos, Israel Gueiros passou a liderar uma campanha divisionista, conclamando a Igreja do Norte e Nordeste a se separar da IPB, e se filiar ao movimento fundamentalista de Carl MacIntire. (ARAÚJO, 1982, p. 56)

Voltando à dissertação de David Gueiros, interessa-nos perceber que, embora não emita nenhum juízo sobre a polêmica “fundamentalistas” X “modernistas”, ele analisa a conturbada saída de Israel Gueiros da IPB, justificando-a como fidelidade ao passado e a Butler:

ele aderiu a uma estrita teologia calvinista ensinada por George Butler e seus aliados. Suas opiniões o retiraram da atual liderança da Missão Presbiteriana ao Norte do Brasil e do Presbitério, que o expulsou do ministério. Criado dentro das rigorosas tradições de sua família que muitas vezes enfrentou a morte para que elas fossem ensinadas e cridas, Dr. Gueiros tem mantido fidelidade aos ensinamentos do Dr. Butler e fundou a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil. (VIEIRA, 1960, p. 80).

Essa é uma citação expressiva do posicionamento do autor diante das polêmicas ideológico-eclesiásticas de fins dos anos de 1950. Nesse trecho, claramente David Gueiros assume uma representação “conservadora” dos pioneiros e legitimadora da opção fundamentalista. David Gueiros recusa a crítica dos progressistas aos pioneiros e, conjuntamente, sua visão de “revolução social” vinda de “baixo”. Assim, infere-se uma construção do personagem George Butler sob uma perspectiva conservadora e elitista, uma forma de reação aos apelos de “ação social” dos setores “modernizantes-progressistas”.

Ao enfatizar a importância desses exemplos éticos de intervenção protestante naqueles contextos de privação material e moral, como no caso do trabalho George Butler, e da educação oferecida pelos missionários para formar uma minoria comprometida com valores civilizacionais tidos como superiores, David Gueiros narra uma história ortodoxa que se (re) afirma como projeto de ação para o presente e o futuro. Em outras palavras, corrobora a convicção tradicional dos quadros hierárquicos institucionais de que a importância das igrejas protestantes no Brasil não estava (nem estará)



na sua crítica à ordem política, e menos ainda na sua ação contra os problemas do “sistema social”; e sim na conversão dos indivíduos e transmissão de novos padrões civilizacionais e de costumes. São esses indivíduos, protestantes ou protestantizados¹², educados numa cultura superior, que se tornariam (ou tornar-se-ão) líderes e poderiam (ou poderão) fazer uma transformação “de cima” na sociedade.

02- O servo ideal

Edijéce Martins, sociólogo, professor do Seminário de Recife¹³ e pastor de uma igreja presbiteriana em Pernambuco, publicou sua biografia de George Butler, 16 anos depois dos textos de David Gueiros. Entre esta e aquela, dois acontecimentos, no Brasil, são fundamentais para compreendermos as ressignificações produzidas sobre este personagem em 1976: o surgimento da Teologia da Libertação e o golpe militar de 1964.

As repercussões do Vaticano II (1962-1965) e o surgimento da Teologia da Libertação (1969) animou ainda mais os setores progressistas das igrejas protestantes desejosos de uma maior abertura ecumênica e de maior crítica às estruturas sociais no Brasil. Todavia após o golpe de 1964, os setores conservadores foram à desforra interna, perseguiram todos aqueles que alcunhavam de “comunistas”, delatando-os aos órgãos de repressão; pastores, professores de seminários, leigos foram expulsos das igrejas e entregues à ditadura, seminários foram fechados, as direções das igrejas e seus órgãos de imprensa sofreram um controle ideológico.

No início dos anos 1970, o alinhamento da hierarquia presbiteriana com o regime é notório. Mas foi sobretudo com a devolução de professores de seminários e missionários americanos para os Estados Unidos que a situação levou ao rompimento entre a direção da IPB e a Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos. A outra igreja americana, a Igreja Presbiteriana do Sul, apesar de sua posição sensível e relação tensa com a IPB permanecia atuando em parceria com esta no Norte/Nordeste do Brasil (ARAÚJO, 1982, p.116, 117). É em meio a essa tensão que a Missão Presbiteriana ao Norte do

¹² Referimo-nos aos indivíduos que mesmo não tendo sido convertidos ou não sendo membros de uma igreja teriam padrões morais apreendidos nas escolas protestantes.

¹³ Seminário Presbiteriano do Norte (SPN)



Brasil, órgão da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos, encarrega o pastor e sociólogo Edijéce Martins da biografia de Butler, disponibilizando seus arquivos nos Estados Unidos. Reforçar a memória dos líderes presbiterianos brasileiros da importância dos missionários como agentes civilizadores dos sertões incautos do país, talvez explique a escolha da missão americana por esse personagem que passou a maior parte do seu ministério nas condições extremas do sertão nordestino.

O convite para que Edijéce Martins escrevesse sobre a vida de Butler tem outro aspecto estratégico: servir-se de um sociólogo é também uma forma de atender a um critério eloquente de seriedade e isenção da obra tanto para a hierarquia presbiteriana no Brasil que tinha como presidente o sociólogo, Boanerges Ribeiro, quanto para os progressistas que permaneceram na igreja, apesar das perseguições, mas em constante diálogo com o mundo acadêmico. Logo na introdução, o autor mostra-se claramente pressionado por uma expectativa de produzir uma obra sociológica, por isso talvez, chega a arriscar uma inesperada comparação entre George Butler e Padre Cícero:

Inicialmente desejamos intitular esta biografia do Dr. Butler de “O Padre Cícero Protestante”. Acontece que o Dr. Butler e o Padre Cícero viveram o mesmo período de história nordestina, sujeitos às mesmas tensões e influências no tempo e no espaço. Foram os homens que, naquele tempo, mais atraíram as massas em verdadeiras romarias. Criaram em torno de si uma auréola de poderes sobrenaturais, dando lugar a fatos que se tornaram lendas. (FERREIRA, 1987, p. 12)

Apesar dessa expectativa, o autor prefere renunciar à linguagem acadêmica e, como ele diz, recusa o uso excessivo de notas de rodapé. Adota, então, um “tom romanceado” para alcançar o maior número de leitores e fazer da vida de Butler “fonte de inspiração para uma vida cristã dinâmica e sacrificial” (FERREIRA, 1987, p. 12), ou seja, realiza uma obra apologética, visando, principalmente, a formação dos novos agentes eclesiais.

A construção da ideia de uma união perfeita entre duas vocações, a perceber-se pelo título *A Bíblia e o Bisturi*, encontra ressonância numa comparação com as narrativas de Júlio de Andrade (1959), mas recebe uma



ênfase maior na obra de Edijéce Martins, elaborada entre 1972-1975 e publicada em 1976. Acredito que isto exige uma explicação mais vinculada aos propósitos ideológicos-políticos da obra, no contexto específico do início dos anos 1970, do que a simples intertextualidade pode oferecer.

Estamos em pleno recrudescimento da repressão do regime ditatorial no Brasil e igual intensificação dos expurgos e perseguições internas às denominações protestantes. Esses progressistas protestantes, expulsos de suas igrejas, encontraram refúgio em instituições ecumênicas de pesquisa como o CEHILA (Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina), o ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião) e na academia brasileira. Desses lugares institucionais, construíram uma crítica ao passado do protestantismo, principalmente à luz do instrumental do materialismo histórico e da teologia da libertação. Esses primeiros missionários, na perspectiva dos progressistas críticos, teriam imprimido um “pecado original” no protestantismo brasileiro, formando uma igreja com rígidos padrões morais, mas negligente na “ética social” e, ainda que inconscientemente, servidores do imperialismo estadunidense.

Aberto o diálogo revisionista sobre o passado dos “pioneiros” e diante do desafio de escrever a vida do Dr. Butler, o pastor e sociólogo Edijéce Martins entende ter em mãos um personagem um tanto imune às críticas feitas pelos progressistas, todavia procura representar essa trajetória em concordância com a ortodoxia doutrinária protestante e os poderes institucionais vigentes dentro e fora da IPB. Assim, Edijéce escreve um capítulo sobre “A ética do Dr. Butler” e a define: “A ética do Dr. Butler foi, primeiramente, religiosa. Em sua escala, os valores espirituais ocuparam sempre o primeiro lugar” (FERREIRA, 1987, p107). Mas, adiante complementa: “Apesar disto, porém, jamais esquecia o fato de que habitava um mundo onde reinava o pecado e a miséria. Jamais esquecia os problemas e as necessidades humanas” (FERREIRA, 1987, p. 108). Por último, coloca um anexo “Minhas Recordações do Dr. Butler” escrita por Eraldo Gueiros, então, governador do Estado de Pernambuco (1971-1975), nomeado pela ditadura.



Nossa hipótese de trabalho é que essa biografia de Edijéce Martins representou uma nova expressão do conservadorismo protestante através da incorporação seletiva de palavras e ideias consideradas progressistas, como forma de silenciar esses setores descontentes. O caminho institucional desses novos acordos e concessões foi a abertura das denominações ao Movimento Evangelical¹⁴ (surgiu como forma de oposição aos “fundamentalistas”). É no contexto desse movimento, que surge no protestantismo do início dos anos 1970 uma proposta teológica que será apropriada pela ortodoxia, a Teologia da Missão Integral.

A participação decisiva do sul global, especialmente, América Latina, no Pacto de Lausane, Suíça, 1974, e outros encontros – o CLADE II, Peru (1979) e CBE 1 (1983, Brasil) –consolidaram o ramo mais progressista do movimento evangélico, que para se diferenciar da denominada “teologia da libertação católica” criou a “teologia da missão integral”. Entretanto, compartilho da compreensão do sociólogo e teólogo José Bittencourt Filho (1989) referente aos usos institucionais dessa teologia, na qual a “teologia da missão integral” é uma nova roupa do conservadorismo protestante brasileiro, usada para opor-se à radicalidade da “teologia da libertação” e manter agentes religiosos mais “avançados” nas suas fileiras.

Trabalho com a hipótese que, desde a primeira edição, há uma incorporação conservadora e seletiva das representações de mundo dos setores mais progressistas, aos poucos se explicitando, o que justificou a demanda de novas edições(1987, 2007), a ponto que na terceira edição a biografia de George Butler assume explicitamente o discurso da “ação social” e da preocupação com o “homem integral” (isto é, suas condições espirituais e materiais) como uma característica do trabalho missionário de George Butler.

Portanto, a narrativa da vida de Butler, por Edijéce Martins, o re(a)presenta como um missionário “fora do seu tempo”, cujas

¹⁴ Relacionado com um segmento de cristãos da Europa e dos EUA, comprometidos com a evangelização mundial, que criaram o termo como forma de oposição aos “fundamentalistas”. Embora o movimento “evangélico” remonte à década de 20, é em meados dos anos 1960 que ele ganha força.



características somente são compreensíveis a partir da “nova ortodoxia conservadora” da teologia da missão integral. Em outras palavras, apesar da “preocupação social”, George Butler é igualmente re(a)presentado atendendo à ortodoxia tradicional, isto é, como um evangelista, acima de tudo, preocupado em converter indivíduos à fé protestante, sem jamais questionar os poderosos ou as estruturas de desigualdade. Assim, a escrita da vida de Butler, por quatro décadas e três edições, narrada por Edijéce, surge como modelo de perfil do agente eclesiástico, que além evangelizar/doutrinar as populações com o qual trabalha, realiza atividades filantrópicas sob o discurso da “ação social da igreja”, porém, jamais contra o “sistema social” ou através da crítica política; ou seja, um ideal “atualizado” de agente eclesiástico, fiel à sua instituição e servidor abnegado do povo; cidadão atuante na caridade, mas politicamente pacífico.

Considerações finais

A construção ortodoxa das representações da memória implica uma modalidade de esquecimento que não é o simples apagamento, ou lacuna sobre fatos, eventos ou características pouco agradáveis aos produtores ou leitores contemporâneos. Trata-se de um esquecimento mais sutil: na biografia, trata-se da adequação de uma vida a uma ortodoxia atual, a fim de servir aos propósitos institucionais do presente e de ação no espaço de possibilidades do futuro. Reinterpretar fatos, manipular a linguagem, cercear outras possibilidades interpretativas constituem esses mecanismos sutis do esquecimento “ortodoxo” sobre a memória dos pioneiros. Torna-se, assim, um recurso simbólico para modelar carreiras eclesiásticas, e também reforçar a coesão identitária e valores conservadores, como a obediência hierárquica.

As biografias de George Butler, pela voz de seus principais biógrafos, David Gueiros e Edijéce Martins são, nesse sentido, claramente institucionais. Reforçam e interpelam seus leitores a internalizar valores e práticas vinculadas a ortodoxias distintas, ressignificadas ao sabor das lutas e transações ideológicas dos anos 1950 a 1970, mas, por fim, mantenedoras do conservadorismo dominante e excludentes das concepções mais radicais



de atuação na sociedade postuladas, dentro e fora das instituições protestantes, pelos religiosos progressistas.

Geralmente, o recurso mais à mão dos biógrafos eclesiásticos protestantes foi silenciar sobre pioneiros que tiveram uma atuação social e política contestadora que os levaram ao rompimento institucional, ou, como no caso de pioneiros como George Butler – uma figura relativamente secundária (nunca assumiu um alto cargo, nem mesmo foi um teólogo) e um homem que, apesar dos confrontos, permaneceu na instituição –, o tratamento ortodoxo da memória deu-se pela manipulação do esquecimento principalmente da dimensão política da sua atuação missionária: seus confrontos e alianças com agentes sociais diversos; seus conflitos com sua própria instituição; suas estratégias de ação política cotidiana, bem como seu horizonte de transformação da ordem social, foram ocultados nessas narrativas. Procuo uma fuga dessa memória institucional e dessa elaboração “ortodoxa” de uma vida. É pela explicitação do vínculo social que acredito ser possível restituir ao biografado o direito de falar de si, ou seja, oferecer sua própria representação do vínculo social e de sua contribuição a esse vínculo, como agente tentando compreender a si mesmo e a seu mundo.

Referências

ARAÚJO, João Dias. *Inquisição sem fogueiras*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1982.

BITTENCOURT F., José. As seitas no contexto do protestantismo histórico. In: LANDIM, Leilah (Org.). *Sinais dos tempos. Igrejas e seitas no Brasil*. Cadernos do ISER, nº21, Rio de Janeiro: ISER, 1989.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira. Católicos e evangélicos entre 1940-2007. *Revista de estudos da Religião*, ano 8, dezembro de 2008, p. 9-47. Disponível: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_campos.htm. Acesso em 23 de julho de 2015.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.



FERREIRA, Edijéce M. A Bíblia e o Bisturi. 2 ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1987.

FERREIRA, Júlio Andrade. História da Igreja Presbiteriana do Brasil. v.1. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959.

LESSA, Vicente Themudo. Anais da Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903). São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROSSI, Paolo. O passado, a memória, o esquecimento. Seis ensaios de história das ideias. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

VIEIRA, David Gueiros. A Historical Study of the missionary work of Dr. George W. Butler and an analysis of his influence on Brazil. Dissertação (Mestrado em História). University of Richmond, Virginia, 1960.

_____. Trajetória de uma família. A história da família Gueiros. Brasília: Editora e Comércio de Livros Jurídicos, 2008

WATANABE, Tiago H. Barbosa. Escritos nas fronteiras. Os livros de história do protestantismo brasileiro (1928-1982). Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011. Orientação de Dr. Milton Carlos Costa.